


O CONCEITO DE MASSAS NO PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT

Jelson Roberto de Oliveira¹


Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR)

 <https://orcid.org/0000-0002-2362-0494>

E-mail: jelson.oliveira@pucpr.br

Francis Kanashiro Meneghetti²

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)

 <https://orcid.org/0000-0003-0327-2872>

E-mail: francis@utfpr.edu.br

RESUMO:

Este texto reflete sobre o constructo teórico de massas e a concepção de homem massa como fundantes e estruturais na compreensão dos totalitarismos nazista e stalinista, presentes na obra *Origens do Totalitarismo* (ARENDR, 1989) de Hannah Arendt. Conclui-se que o totalitarismo é uma organização de massa, que possui características específicas e que as massas são manipuláveis a partir de determinados aspectos específicos dos movimentos totalitários. Analisa-se o que é homem de massa e como tal concepção é fundamental para compreender outros conceitos importantes da pensadora política. Assim, a partir das reflexões aqui desenvolvidas, torna-se possível incrementar novas perspectivas nas análises de conceitos como totalitarismo, banalidade do mal, política, poder, violência, amplamente estudados e debatidos não só na filosofia, como nas ciências sociais, ciências políticas, psicologia, estudos organizacionais e administração. As reflexões aqui propostas permitem também fazer paralelos com a realidade atual, levando em consideração, obviamente, o cuidado de evitar anacronismos analíticos.

PALAVRAS-CHAVE: Massas; Totalitarismos; Homem Massa; Hannah Arendt.

THE CONCEPT OF MASSES IN THE THOUGHT OF HANNAH ARENDT

ABSTRACT:

This paper reflects on the theoretical construct of masses and the conception of mass man as founding and structural in the understanding of Nazi and Stalinist totalitarianism, present in the work *Origins of Totalitarianism* (ARENDR, 1989) by Hannah Arendt. It is concluded that totalitarianism is a mass organization, which has specific characteristics and that the masses are manipulated from certain specific aspects of totalitarian movements. What is mass man is analyzed and how such a conception is fundamental to understand other important concepts of the political thinker. Thus, from the reflections developed here, it becomes possible to increase new perspectives in the analysis of concepts such as totalitarianism, banality of evil, politics, power, violence, widely studied and debated not only in philosophy, but also in social sciences, political sciences, psychology, organization studies and business administration sciences. The reflections proposed here also make it possible to make parallels with the current reality, taking into account, obviously, the care to avoid analytical anachronisms.

KEYWORDS: Masses; Totalitarianisms; Mass Man; Hannah Arendt.

¹ Doutor(a) em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos – São Carlos (UFSCAR) – SP, Brasil. Professor(a) da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Curitiba – PR, Brasil.

² Doutor(a) em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba – PR, Brasil. Professor(a) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba – PR, Brasil.



O termo *massas* – ou sua forma singular *massa* - é comum e frequente na obra de Hannah Arendt (COSTA, 2019) e pode ser interpretado a partir de dois conjuntos de obras que resumem duas diferentes preocupações: no primeiro deles, o uso do termo nas obras *Origens do Totalitarismo* (ARENDR, 1989) e *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal* (ARENDR, 1999); no segundo, nas obras *A Condição Humana* (ARENDR, 2020), *Crises da República* (ARENDR, 2017), *Sobre a Violência* (ARENDR, 1994) e demais obras. Nesse sentido, resta claro que a importância do termo reside precisamente na forma como ele se articula com outros problemas centrais de sua filosofia como, por exemplo, totalitarismo, banalidade do mal, política, poder e violência.

O conjunto de obras é marcado pela experiência de duas guerras mundiais vivenciadas por uma só geração e por uma série de guerras locais e revoluções, em que a paz parecia muito mais distante do que uma terceira guerra mundial, com fins, certamente, mais catastróficos. Conforme Arendt, eram tempos sem esperanças, nos quais não se ansiava mais pelo retorno à “antiga ordem do mundo com todas as suas tradições, nem pela reintegração das massas, arremessadas ao caos produzido pela violência” (ARENDR, 1989, p. 11). Dessa forma, as experiências do nazismo e do stalinismo foram marcantes para a compreensão do termo massas, principalmente porque o totalitarismo é, em fundamento, uma forma de organização de massas.

O segundo conjunto é caracterizado pela tensão permanente da Guerra Fria, ao mesmo tempo em que a humanidade vivenciava avanços científicos e tecnológicos inéditos. Sendo assim, a contexto em que ARENDR (2020) escreve *A condição Humana* é de extremos, marcados pela possibilidade do extermínio geral da humanidade em decorrência das ameaças trazidas pela energia nuclear, assim como da experiência histórica que abria a possibilidade do ser humano deixar a terra em função dos avanços tecnológicos aeroespaciais (como se lê já no prefácio da obra). Nesse momento, Arendt fala de uma sociedade de massas, na qual a relação do ser humano com a natureza e a forma como ele interage com ela para produzir suas condições materiais de existência estão mediadas pela emergência de uma economia de mercado cada vez forte e evidente.

O objetivo deste texto é refletir sobre o constructo teórico de massas e a concepção de homem massa como fundantes e estruturais na compreensão dos totalitarismos nazista e stalinista, presentes na obra *Origens do Totalitarismo* (ARENDR, 1989) de Hannah Arendt (centrando nossa análise, portanto, no primeiro conjunto de obras supracitados). Para tanto, analisa-se porque o totalitarismo é uma organização de massa; depois, são apresentadas as características das massas nos movimentos totalitários; para, posteriormente, examinar como as massas são manipuláveis a partir de determinados aspectos específicos dos movimentos totalitários; e, finalmente, o que é homem de massa e como tal concepção é fundamental para compreender outros conceitos importantes de Arendt.

A compreensão da obra *Origens do Totalitarismo* e, nesse caso, de um dos constructos teóricos centrais, o de massas, é fundamental para promover novos debates acerca do pensamento de uma das mais profícuas pensadoras políticas contemporâneas. A partir das reflexões aqui desenvolvidas, torna-se possível incrementar novas perspectivas nas análises de conceitos como totalitarismo, banalidade do mal, política, poder, violência, amplamente estudados e debatidos não só na filosofia, como nas ciências sociais, ciências políticas, psicologia, estudos organizacionais e administração. Além disso, as reflexões aqui propostas permitem paralelos com a realidade atual, levando em consideração, obviamente, o cuidado de evitar anacronismos analíticos.

O totalitarismo é uma organização de massa

Em *Origens do Totalitarismo*, o termo massas é usado com diversos sentidos. Como sinônimo de *povo*, em expressões como “ódio das massas francesas” (ARENDR, 1989, p. 24) ou “massas

judias” (ARENDR, 1989, p. 49); como sinônimo de *população* como nos casos “reintegração das massas” (ARENDR, 1989, p. 11) ou “para as massas dos países desenvolvidos” (ARENDR, 1989, p. 187); como sinônimo de *grande quantidade*, como por exemplo, “centros fabris de morte em massa” (ARENDR, 1989, p. 12), “expulsão em massa” (ARENDR, 1989, p. 110), “repatriação em massa” (ARENDR, 1989, p. 310), “naturalizações e desnaturalizações em massa” (ARENDR, 1989, p. 310), “denúncias em massa” (ARENDR, 1989, p. 351). Os usos como sinônimos não expressam, contudo, a importância real do termo na obra da pensadora política. Sua importância é bem maior, pois não se estabelece apenas como uma palavra qualificadora de outras, antes, ao analisá-la detalhadamente, percebe-se que se trata de um constructo teórico, responsável por fundamentar vários outros conceitos muito mais conhecidos e debatidos na obra de Arendt. Dessa forma, por exemplo, as massas são o fundamento dos movimentos totalitários, segundo Arendt, ao mesmo tempo em que “os movimentos totalitários objetivam e conseguem organizar as massas” (ARENDR, 1989, p. 358). Há uma relação na qual o totalitarismo não existe sem as massas, apesar destas existirem sem ele.

Salienta-se que nem todo tipo de massas leva, necessariamente, a movimentos totalitários, tampouco às institucionalizações dos totalitarismos. Não são os totalitarismos que inventaram as massas, mas são estas que proporcionaram o advento daqueles, pois é necessário que as massas “desenvolve[ssem] certo gosto pela organização política” (ARENDR, 1989, p. 361). Esse gosto não requer a participação ativa; mas, na maioria das vezes, passa apenas pela adesão por omissão ou alienação dos sujeitos que se entregam à condição de massa. Isso significa que, nos movimentos totalitários, as massas não se unem por projetos formalmente planejados e estabelecidos, por objetivos determinados, por metas controláveis e atingíveis ou “pela consciência de um interesse comum” (ARENDR, 1989, p. 361). Ao contrário, as massas são constituídas por uma maioria de pessoas politicamente indiferentes, que se apresentam como neutras, muitas vezes omissas, desinteressadas pela vida política partidária ou que dão pouca importância para o “poder do voto” (ARENDR, 1989, p. 361). Juntas, essas pessoas formam um *corpus* quantitativo de indiferentes, pouco ou nada interessados em participar de organizações como sindicatos, organizações profissionais, partidos políticos ou mesmo daquelas que se constituem a partir de objetivos específicos e interesses comuns e coletivamente compartilhados. A aproximação e união entre essas pessoas ocorre de forma espontânea, sem, necessariamente, uma identificação inicial pré-estabelecida ou baseada em critério determinados *a priori*. Trata-se de uma adesão ao *corpus* numericamente maior de pessoas, sem, obrigatoriamente, promover alguma união propriamente dita. Segundo Arendt, trata-se de uma integração de sujeitos isolados e sem “relações sociais normais” (ARENDR, 1989, p. 367), mas que passam a fazer parte de um *corpus* crescente que tem como princípio o movimento permanente de incorporação e conexões superficiais de pessoas solitárias. A massa é marcada pela quebra dos vínculos e pela ascensão de um novo tipo, caracterizado pelo sujeito indiferente ao seu destino coletivo. A massa está sob a égide do crescimento ilimitado, por isso, como bem observou Arendt, o totalitarismo não é um movimento meramente local, regional ou nacionalista, mas de âmbito mundial, o que pode ser verificado na tendência expansionista dos totalitarismos estudados por ela.

Dessa forma, os movimentos totalitários estão fundados em “condições específicas de uma massa atomizada e individualizada” (ARENDR, 1989, p. 368), a partir de aglutinações nem sempre presenciais de pessoas em *corpus* coletivos que interagem sem objetivos comuns racionais e previamente definidos. As ações individuais, corporativas ou mesmo estatais estão baseadas em idealizações fundadas na utopia da “raça pura”, no caso do totalitarismo nazista, ou no princípio da igualdade total resultada do “fim das classes sociais”, como no caso soviético. A utopia perde a razão para transformar-se em distopia, como nos mostra Arendt (1989). Os movimentos totalitários são organizações maciças de integrantes que atuam e vivem sob tais circunstâncias e

diferem de outros movimentos e coletivos pela “exigência de lealdade total, irrestrita, incondicional e inalterável de cada membro individual” (ARENDDT, 1989, p. 373), pela adesão dos atomizados e isolados às irracionalidades e ideações fantasiosas da massa à qual pertencem. Essas exigências não se referem uns aos outros, mas às massas às quais pertencem. A fidelidade e obediência estão atreladas aos ideais produzidos pelas massas e não necessariamente às pessoas que a elas pertencem. Por isso, nos movimentos totalitários não é incomum que seus integrantes se auto-abandonem a ponto de aceitarem serem excluídos, eliminados, executados, mesmo que por motivos torpes, desde que esse seja o desejo das massas. O sentimento de auto-abandono é frequente e comum, pois o que prevalece é o poder das massas ante qualquer necessidade individual.

Essa é apenas uma das consequências da onipotência das massas totalitárias, que, na obra da pensadora, são passíveis de características diversas em contextos históricos diferentes. Assim, é importante entender as especificidades que caracterizaram os totalitarismos estudados por Arendt, pois foram elas que possibilitaram as catástrofes vivenciadas pela humanidade.

As características das massas nos totalitarismos

Segundo ARENDT (1989, p. 447), na modernidade as massas perderam a crença na existência de um Julgamento Final, diferentemente do que ocorria nos séculos passados. Com isso, os melhores sujeitos perderam a esperança, e os piores, o temor. Sem a esperança e o temor, as massas são atraídas por promessas que imitam o Paraíso desejado ou o Inferno temido. Ocorre que a modernidade, apesar do processo de racionalização que a constituiu, não livrou as massas da sua tendência ao irracional e tampouco foi capaz de instituir o cálculo utilitário dos meios para atingir fins como um fundamento central. As massas seguem uma lógica parecida (embora não exatamente igual), ao que ocorre no período anterior à modernidade: a lógica do mito, do fantástico, do extraordinário, do imaginário antes de qualquer apego à lógica formal ou causalidade concreta.

Sendo assim, o irracional é o que caracteriza primordialmente as massas, segundo a compreensão de Arendt. Exemplo disso pode ser encontrado na reflexão feita pela pensadora (que, aliás, motivou muitas críticas contra ela), quando afirmou que “milhões de seres humanos se deixaram levar, sem resistência, às câmaras de gás” (ARENDDT, 1989, p. 506) dando a entender que, na qualidade de massa, o povo judeu absteve-se da postura de autopreservação em detrimento de uma postura irracional de “colaborar”, de certa forma, com a própria destruição. Independente dos fatos posteriores mostrarem a existência de resistências por parte de vários grupos judeus e da estrutura punitiva que tinha se instalado contra os que se rebelavam, o que Arendt nos alerta é para o fato de que o que estava subjacente era a “destruição da individualidade” (ARENDDT, 1989, p. 365) no contexto de massas vivenciada no totalitarismo nazista.

O caráter irracional mostra a existência de uma “reação instintiva das massas” (ARENDDT, 1989, p. 319), como relata Arendt em relação aos estrangeiros “inimigos” durante a Primeira Guerra Mundial. A mesma demonstração de irracionalidade ocorre quando Arendt discorre sobre a ação revolucionária e como esta não reflete, necessariamente, a busca pelo poder, mas uma “concessão teatral aos desejos das massas violentamente descontentes” (ARENDDT, 1989, p. 295). Há, subjacente às massas, a aniquilação dos instintos individuais em nome de sua própria preservação, ou seja, a autopreservação individual é abandonada em detrimento da continuidade da existência das massas. A rebote dessa característica irracional, o apelo “às crenças supersticiosas das massas” (ARENDDT, 1989, p. 290) são mais fortes do que os interesses utilitários, como no caso que antecedeu o totalitarismo nazista, o pangermanismo, o qual

subestimou a inveja e o desejo das massas de se tornarem uma força supra-estatal e não apenas se instalar como uma força dentro do próprio estado ou da nação.

Isso ocorre pela tendência megalomaniaca que é característica das massas, pois estas não reconhecem os condicionantes e determinantes que constituem a realidade. Aliás, a tendência das massas é justamente se desligar de parte do dado de realidade, pois este é em si mesmo contrário à tendência irracional. As massas não têm limites físicos e nem mentalidade definida. Existem contornos e possibilidades, que se auto-organizam baseados no princípio da fuga da realidade. Assim, as massas não chegam a se instituir como uma corporação propriamente dita, pois isso exigiria um “interesse comum” coletivamente compartilhado pelos seus integrantes, o que Arendt descarta como sendo característica das massas de forma geral. Mesmo assim, é possível afirmar que as massas passam a ter um *corpus* sempre transitório, na medida em que seus integrantes “existem em qualquer país e constituem a maioria das pessoas neutras e politicamente indiferentes.” (ARENDR, 1989, p. 361)

Após as reflexões sobre a elite intelectual dos anos 1920 e de como ela desconhecia a relação entre a ralé e a burguesia alemã, Arendt afirma a existência de um “espírito de massas, que era o espírito do seu tempo” (ARENDR, 1989, p. 384). Tal afirmação, juntamente com a análise geral do que as caracterizam, permite afirmar que há um tipo de mentalidade – que no caso ela chama de espírito – subjacente à formação de massas, sempre atrelada a seu tempo histórico. Ao analisar os totalitarismos nazista e stalinista, Arendt consegue sintetizar suas características e distingui-las da formação de massas de outros tempos históricos, inclusive da sociedade de massas fundamentada no mercado, conforme as análises d’*A Condição Humana* (ARENDR, 2020).

Para a pensadora política, as massas não têm “consciência”, mas são dotadas de características e qualidades semelhantes às humanas, como “emoções e sentimentos”. Além disso, são passíveis de sensações em função das influências provocadas pelos imaginários instituídos socialmente (pelas propagandas, por exemplo), assim como pelos acontecimentos concretos provocados pelas ações das lideranças, grupos e fatos decorrentes dos conflitos estabelecidos no contexto da guerra. Ora, as emoções e sentimentos são primitivos e influenciam sobremaneira as massas. Eles rebaixam a capacidade racional dos sujeitos pertencentes às massas, infantilizando-os. Por isso, para ARENDR (1989, p. 362), “as massas são infantilmente ignorantes”. Como são ignóbeis, manifestam fanatismos e superstições (ARENDR, 1989, p. 19), pois vivenciam fantasias e ilusões que reduzem a capacidade de refletir ou de pensar.

Associada à ignorância (e talvez como produto delas), as massas também são preconceituosas - e isso não é privilégio de nenhuma massa específica, conforme afirma a pensadora. Nas manifestações de massas, os preconceitos não são racionalizados para evitarem punições como nas manifestações individuais. Eles inclusive são manifestos abertamente, principalmente quando as pessoas estão protegidas pelo imperativo do anonimato em função do ocultamento individual ante a imposição do quantitativo. O preconceito das massas, como, por exemplo, a perseguição aos judeus no âmbito não somente nacional, mas mundial, “foi considerado pela opinião pública mero pretexto”, tornando-se um “truque demagógico para conquistar as massas” (ARENDR, 1989, p. 23). Esse fato mostra que os preconceitos servem, em muitas situações, como meio para promover a regressão das massas ao ponto de provocarem e legitimarem a violência, possibilitando emoções e sentimentos extremos, tidos como o alimento essencial das massas.

Para promover movimento permanente de sentimentos e emoções, a ficção é uma necessidade constante das massas, pois ela afasta aquilo que é mais doloroso para os seus integrantes, a realidade *per se*. Com a instituição da ficção, é possível “mentir ao mundo inteiro de modo sistemático e seguro” (ARENDR, 1989, p. 363), como ocorre nos regimes totalitários. Arendt chama atenção para o fato de que “a qualidade fictícia da realidade de cada dia quase dispensa a propaganda” (ARENDR, 1989, p. 363), pois as fantasias disseminadas na forma de delírios são o

próprio combustível dos sujeitos isolados das massas. Os fanáticos das massas do totalitarismo, contudo, não são fiéis, necessariamente, à ficção que os seduzem: ao perceberem o abrandamento da ficção, eles não hesitam em abandoná-la ou esperar que a “velha ficção recupere força suficiente para criar novo movimento de massa” (ARENDDT, 1989, p. 413). Assim, a ficção não é um fim em si mesmo, mas um meio, no qual os sujeitos das massas se aproximam ou se afastam das fantasias criadas por eles. A ficção é um instrumento dos sistemas totalitários que serve para criar e disseminar fantasias, com o propósito de fomentar conspirações que alimentam as massas. Por isso, para Arendt, por meio da credulidade e do cinismo, as instituições como as organizações secretas, os veículos de propagandas, lideranças populares e outras, articulam-se para instituir uma ficção central, com o objetivo de “manter na organização de massa a férrea disciplina de uma organização secreta” (ARENDDT, 1989, p. 428). Ou seja, a ficção deve se impor ante a realidade, como meio para constituir um imaginário capaz de mobilizar as massas, nem que isso implique a regressão à barbárie e às arbitrariedades da razão. Entre tais arbitrariedades, Arendt analisa a mentalidade da rale e percebe que a credulidade e cinismo tinham se tornado também formas de manifestação das massas, as quais chegaram a um ponto que “acreditavam em tudo e em nada, julgavam que tudo era possível e que nada era verdadeiro” (ARENDDT, 1989, p. 432). Com isso, deixa de ser corriqueira a ideia de que a credulidade era uma fraqueza de gente ingênua e primitiva e que o cinismo era um vício superior de pessoas refinadas. Nesse caso, trata-se de uma inversão dos valores correntes.

A credulidade e a adesão irracional às crenças estão associadas à fascinação, que “é um fenômeno social” - conforme afirma ARENDDT (1989, p. 355) - que, no caso das massas, tem particularidades e especificidades, como ocorre, por exemplo, no caso do fascínio que Hitler exercia sobre as massas, o qual estava relacionado às pessoas que o rodeavam. Sua aceitação estava associada à postura em relação àquilo que ele queria ser e na forma como colocava suas opiniões e demandas moldadas por uma aparentemente inabalável convicção. Isso é essencial para não perder o prestígio diante das massas, pouco importando quantas vezes tenha mentido ou cometido erros. A falta de discernimento social impede a compreensão racional da realidade, em detrimento da necessidade visceral de manter-se em estado de fascinação. Segundo ARENDDT (1989, pp. 355–356), a ideia que Hitler teria características específicas e especiais que servia para criar fascinação nas massas, é equivocada. Após derrotado e morto, ele praticamente foi esquecido e pouco representava para os grupos neofascistas e neonazistas da Alemanha ainda na época em que a pensadora escrevia *As origens do totalitarismo* (ARENDDT, 1989). Isso se deve a outra característica das massas: a volubilidade. O que importa para as massas e também para os movimentos totalitários é que tudo que os rodeiam esteja em permanente movimento. A impermanência acaba funcionando como a falsa ideia que as massas não se apegam às ilusões dos líderes mortos, por exemplo, e que elas são dotadas de extraordinária adaptabilidade.

Os totalitarismos são compostos também de fanáticos. A fidelidade destes não é, necessariamente, em relação às pessoas do movimento, às lideranças ou mesmo às ideias, mas a tudo e a todos que proporcionem o movimento necessário que permita aos sujeitos sublimarem e deixarem de sentir o que coloque em risco a onipotência das massas à qual pertencem. O fanatismo precisa ser orgânico em relação à estrutura organizacional do movimento, permanecendo forte e incorruptível, desde que não imponha medo aos membros fanatizados. Enquanto tais elementos estejam preservados, os fanatizados são inatingíveis pela experiência e pelo argumento racional. Por isso “a identificação [dos fanatizados] com o movimento [totalitário] e o conformismo total parecem ter destruído a própria capacidade de sentir, mesmo que seja algo tão extremo como a tortura ou o medo da morte” (ARENDDT, 1989, p. 358). Todavia, todo fanatismo se dissolve quando os seguidores fanatizados se veem sob intenso e permanente medo. A interrupção e o colapso do movimento podem transformá-los em desertores, sobretudo se a fonte da idealização

perde sua capacidade de fascinar e fanatizar seus seguidores. Tal situação, segundo Arendt, não abalou nazistas ou bolchevistas, de sorte que eles não se sensibilizaram inclusive quando devoraram “os próprios filhos dos movimentos” (ARENDR, 1989, p. 357) ou quando eles mesmos foram vítimas dessa opressão. O surpreendente é que os fanáticos são capazes de colaborar com a própria condenação e tramar a própria morte, desde que sua credibilidade como integrante do movimento permaneça ilesa. Ou seja, o fanatismo destrói a própria atitude de autopreservação.

Assim, as massas se caracterizam no totalitarismo pelo “enfraquecimento do instinto de autopreservação” (ARENDR, 1989, p. 365). A dispensabilidade e a desimportância tornam-se um fenômeno coletivo e não apenas um valor individual. Conforme afirma Arendt, os integrantes das massas perdem o interesse no próprio bem-estar, isto é, deixam de se importar com as fontes de sofrimento que os afligem no contexto do aparecimento e consolidação dos movimentos totalitários: a miséria e os cuidados necessários que moldam e garantem a continuidade da vida humana. Por isso, as massas são “hostis ao mundo existente” (ARENDR, 1989, p. 430) e essas hostilidades podem se manifestar inclusive contra aqueles que estão alinhados ideologicamente a elas, pois o que importa no nível da massa é o movimento permanente e qualquer um que se torne um problema para sua continuidade é um inimigo.

Arendt analisa também a situação das massas fora dos movimentos totalitários: para ela, as massas do “mundo exterior não-totalitário também só acredita[m] naquilo que quer[em] e fuge[m] à realidade ante a verdadeira loucura” (ARENDR, 1989, p. 487). No geral, as massas não alteram necessariamente suas propriedades em contextos semelhantes ou diferentes do totalitarismo. Analisando a obra de Arendt, talvez o que faça diferença seja o quanto o contexto favorece o fenômeno progressivo ou regressivo, ou seja, o quanto o momento estabelece condições para um movimento contínuo e permanente de criação – da vida, da natalidade, do amor *mundi* - ou da destruição – da guerra, da morte, por exemplo.

A manipulação das massas

A partir das características expostas por Arendt, é possível afirmar que as massas são manipuláveis. Segundo a autora, duas ilusões foram destruídas pelos movimentos totalitários e facilitaram a manipulação das massas: primeiro, que o povo participava da vida política e simpatizava com determinado partido político ou outro; segundo, que “as massas politicamente indiferentes não importavam, que eram realmente neutras e que nada mais constituíam senão um silencioso pano de fundo para a vida política da nação” (ARENDR, 1989, p. 362). Com isso, um *corpus* passa a ser percebido como essencial na vida política: a massa que, diferente dos indivíduos, tem um *modus operandi* próprio. Como vimos até aqui, as massas não são meras somas de indivíduos que as compõem, tampouco estão baseadas em relações intersubjetivas mediadas por cálculos utilitários de natureza meramente econômica. As massas têm características próprias e, segundo Arendt, não se constituem como entidades essencialistas e imutáveis, mas, ao contrário, são resultados dos entremeios da história do universal com os particulares de povos, populações, nações ou países.

As manipulações da massa, contudo, não são baseadas nas causalidades convencionais, isto é, nas relações causa-efeito. A ideia de que “tudo é possível a partir da adequada organização das massas” (ARENDR, 1989, p. 11) parte da ilusão de quem julga na condição de pertencente à própria massa. É fato que as massas são alienadas e mal orientadas, porque, do contrário teriam que se deparar com uma realidade que não são capazes de aceitar. Mas isso não implica em “consciência” dos integrantes da sua condição de massa. No fundo, as massas são manipuláveis pelo seu caráter espontâneo, por aceitarem uma natureza imagética não linear, não racional, não convencional. São manipuláveis por aderirem ao movimento permanente, dicotômico, contínuo e

irracional da busca da própria onipotência, ao mesmo tempo que procuram eliminar seus inimigos e reduzir cada vez mais seus próprios integrantes ao nada. Nesse contexto, o máximo que se aceita é a existência de organizações e instituições que funcionam como meios para aquisição de poderes cada vez maiores. Por isso ARENDT (1994), ao considerar a violência como oposto do poder, caracteriza os totalitarismos como movimentos inevitavelmente violentos, pois são a própria expressão das massas na sua condição ontológica de busca pelo poder absoluto. É possível perceber essa ideia quando se analisa algumas passagens que Arendt faz sobre as sociedades e organizações secretas, que têm em comum com os movimentos totalitários uma visão dicotômica do mundo, baseado no juramento de lealdade: “os irmãos de sangue e os inimigos inarticulados e indistintos” (ARENDT, 1989, p. 426). Com essa dicotomia é fácil estabelecer formas de manipulações efetivas sobre os sujeitos das massas, porque os incapazes de pensar preferem pertencer ao grupo dos irmãos de sangue, mesmo sem perceber que, no limite, são supérfluos. Já as organizações secretas do regime nazista serviram para manipulação efetiva, pois atuavam para fins de organização das massas e, para isso, utilizavam a conspiração, a mentira deliberada ou qualquer forma de hostilidade, com o fim de “estabelecer e proteger o mundo fictício” (ARENDT, 1989, p. 431) e fantasioso tão necessário para manter os movimentos totalitários.

As organizações secretas (nas quais destacam-se as organizações policiais) nos totalitarismos analisados por Arendt, têm como princípio a instituição do terror. Elas são instrumentos mais efetivos para governar as massas do que o extermínio ou a luta contra os inimigos em si mesmos. O terror deve ser uma prática constante, capaz de estabelecer o movimento permanente que o totalitarismo exige. Ataques sem indícios preliminares são dirigidos aos inocentes, mesmo do ponto de vista do perpetrador. Isso foi o que ocorreu na Alemanha nazista contra os judeus, “contra pessoas cujas características comuns eram aleatórias e independentes da conduta individual específica” (ARENDT, 1989, p. 26). O terror precisa de um inimigo, mesmo que seja inventado apenas para atender à necessidade de ser devorado pelas massas. Podem ser, inclusive, inocentes pertencentes aos mesmos grupos de perpetradores, porque o que interessa é a existência de algo ou alguém que alimente permanentemente a sanha onipotente das massas.

Por isso, um dos truques demagógicos no totalitarismo nazista foi estabelecer a perseguição dos judeus não só na Alemanha, mas no mundo inteiro. Na União Soviética, foi o combate ao sistema capitalista, também no âmbito mundial (ARENDT, 1989, p. 23). Ambos os totalitarismos produziram suas vítimas de forma a garantir a continuidade dos movimentos a partir da ideia da expansão quase ilimitada. Por isso, para Arendt, os nacionalismos são diferentes dos movimentos totalitários, pois esses estão pautados na ampliação permanente e constante, enquanto aqueles se contentam em estabelecer o estado-nação como limite da sua expansão.

Para garantir a expansão permanente, os movimentos totalitários “(...) não pode[m] escolher sua[s] vítima[s] arbitrariamente” (ARENDT, 1989, p. 26). É preciso que as vítimas pertençam algum tipo de massas, ao mesmo tempo que não sejam formadas por pessoas numericamente expressivas a ponto de colocar as próprias massas em risco. Outro fator importante é que essas pessoas, mesmo que não possam ser identificadas como idênticas entre si ou que não componham um perfil uniforme e único, precisam pertencer a diversas outras massas, de tal forma que as integrem por identificação praticamente com o mundo inteiro. Por isso os judeus, muito mais do que as outras vítimas, foram escolhidos prioritariamente pelo totalitarismo nazista; e as elites capitalistas, muito mais do que os pequenos produtores e proprietários, foram escolhidos prioritariamente pelo totalitarismo soviético. Quantitativamente esses grupos não são pequenos o suficiente para parar os movimentos, assim como não são grandes o suficiente para se tornarem um foco de resistência expressiva nos locais onde os movimentos totalitários aconteciam. Qualitativamente, portanto, esses grupos estão presentes no mundo inteiro, garantindo a expansão dos movimentos totalitários muito além das fronteiras nacionais.

É preciso produzir a vítima ideal, sem pessoalizar. Um tipo ideal que possa ser explorado indefinidamente, ao mesmo tempo que não seja uma ameaça direta aos movimentos totalitários. Nas massas, o quantitativo de pessoas é essencial para estruturar uma “racionalidade”, mesmo que esta não esteja estruturada em uma razão *per se*. A primazia nas massas é das emoções e sentimentos em relação a uma razão causal, por isso seus integrantes precisam vivenciar experiências místicas ou, mais precisamente, pseudomísticas, com a finalidade de fazer transitar no âmbito coletivo as emoções e os sentimentos necessários para a integração das massas. Essas vivências “enriquecidas por inúmeras e arbitrárias ‘memórias’ históricas” (ARENDDT, 1989, pp. 257–258) foram essenciais para o aparecimento de um novo tipo de sentimento, inicialmente, nacionalista, na Rússia e na Alemanha. Motivadas pelo resgate de uma “Rússia Sagrada” e de “Santo Império Romano”, com o tempo, o nacionalismo deixa de ser um movimento local e passa a ser uma aspiração de massas que, como critério do seu próprio fundamento, sempre visam a expansão ilimitada.

O imaginário compartilhado de uma “origem divina transforma o povo numa massa uniforme ‘escolhida’ de robôs arrogantes” (ARENDDT, 1989, p. 265) e o compartilhamento desse imaginário faz desaparecer as diferenças sociais, econômicas e psicológicas individuais, funcionando como um sistema de integração daqueles que se reconhecem na divindade. Da mesma forma, o compartilhamento de um destino magistral que integra todos os fiéis aos ideais das massas funciona como uma amálgama. O movimento permanente atrai as massas. Segundo Arendt, foi isso que o partido nazista fez, ao apresentar-se como uma forma de movimento, mesmo não sendo. Conseguiu o apoio das massas e, assim que se apossou do Estado, preencheu as posições governamentais com membros do partido “sem mudar drasticamente a estrutura do poder” (ARENDDT, 1989, p. 289).

Na perspectiva ideológica, ou seja, de racionalidades que tentaram envolver os imaginários instituídos, foram duas as que estruturaram as organizações totalitárias nazista e stalinista: a que “interpreta a história como uma luta natural entre raças” e a que “interpreta a história como luta econômica de classes” (ARENDDT, 1989, p. 189). Elas foram as que se destacaram em relação às demais e acabaram derrotando-as. Ambas se tornaram doutrinas, inicialmente, nacionais, cooptando não só o apoio dos Estados – e reformulando-os, posteriormente – mas, sobretudo, das massas. As ideologias racial e de classe foram capazes de moldar o pensamento geral, dos intelectuais aos coletivos populares, de tal forma que suas forças estão no fato de que as doutrinas estabelecidas a partir delas “rejeitam apresentações de fatos, passados ou presentes, que não se ajustem a uma delas” (ARENDDT, 1989, p. 189).

E como foram possíveis as manipulações das massas nos totalitarismos, segundo Arendt? Dois fatores são significativos e contributivos: a propaganda de massas e o papel das lideranças. A propaganda de massas que, inicialmente, no movimento totalitário apelava ao passado, que ficou fora de moda, passou a explorar a “profecia científica” (ARENDDT, 1989, p. 394). Segundo Arendt, o totalitarismo é o último estágio no qual a ciência se torna um ídolo como “num passe de mágica [que] cura os males existência e transforma a natureza humana” (ARENDDT, 1989, p. 395). Na propaganda de massas, o cientificismo serve tanto para a política totalitária como ao mercado. A técnica imanente à propaganda de massas é a mesma que transforma tudo e todos em coisas. Esse processo de reificação já era percebido no colapso do sistema partidário antes das eleições de 1932, na Alemanha, quando os partidos adotaram formas novas de propaganda de massas (ARENDDT, 1989, p. 297) com a finalidade de manipulá-las. A propaganda de massas convencional requer escolhas dos temas para serem explorados com cuidado e cautela. Nos sistemas totalitários, os temas são substituídos pelas escolhas daqueles que serão postos como inimigos. Segundo ARENDDT (1989, p. 390), “não apenas a propaganda política mas toda a

moderna publicidade de massa contém um elemento de ameaça”. E para aliviar a tensão das massas, nada mais funcional do que escolher os culpados por essas ameaças.

A propaganda nazista se aperfeiçoava cada vez mais com o objetivo de “tirar proveito do anseio das massas pela coerência” (ARENDDT, 1989, p. 402), enquanto no totalitarismo stalinista, a propaganda mirava o homem isolado. Ambas, usaram a instituição das suas propagandas e os slogans como uma das técnicas iniciais que, por um tempo, servia como meio eficaz para inspirar, induzir e instigar as massas, criando a sensação de exaltação que só se consegue quando se tem a impressão de pertencimento. Os slogans unem os integrantes das massas nas irracionalidades dos jargões fáceis, dos gritos de guerra, dos bramidos empobrecidos em conteúdo. Mas os slogans têm eficácia limitada, porque unem os integrantes no vazio de conteúdo e são reduzidos ao momento de êxtase. Com o tempo, precisam ser trocados, substituídos ou eliminados porque perdem o poder da magia. A força dos slogans está na repetição e exaltação que provocam e quase nada no conteúdo que carregam. Servem mais para atrair os ávidos a se entregarem à servidão e menos aos que estão há algum tempo nas massas. São úteis para os mais fanáticos, de quem não se pode esperar muito mais do que os equívocos dos exaltados.

Por tudo isso, quando um regime totalitário está em curso, é possível mentir de forma sistemática e segura. A ficção da realidade quase dispensa a propaganda, de forma que esta é sempre mais relevante no início ou no momento em que antecede a criação dos regimes. Assim, conforme afirma Arendt, a propaganda tem como objetivo inicial “inspirar organizações de massa” (ARENDDT, 1989, p. 363) e por isso os slogans servem tão bem tecnicamente. De tal modo, não se pode atribuir às lideranças de Hitler e Stalin, assim como ao apoio incondicional a eles, o “sucesso de uma propaganda magistral e mentirosa que conseguiu assolar a ignorância e a estupidez” (ARENDDT, 1989, p. 356). A propaganda apenas explora as irracionalidades que já estão dispostas e permeiam as massas.

Com o tempo, a política do terror substituiu a propaganda de massa, de forma mais eficiente no nazismo do que no stalinismo (ARENDDT, 1989, p. 393), instituindo a propaganda totalitária. Esta tem como característica central a exploração do medo extremo a partir de uma política do terror. Em meio a sujeitos atomizados que perderam a sensibilidade em relação à vida, a propaganda totalitária é mais do que uma técnica de manipulação das massas: é em si mesma uma engrenagem do movimento totalitário. Por isso, “a propaganda totalitária aperfeiçoa as técnicas da propaganda de massa, mas não lhe inventa os temas” (ARENDDT, 1989, p. 400), escolhe minuciosamente as vítimas e fomenta um percurso ficcional que coopta os fanáticos e subsume os indiferentes. A propaganda totalitária já demonstrava, de certa forma, antes mesmo que seus agentes chegassem ao poder, o quanto as massas eram movidas por fantasias, preconceitos, superstições, idolatrias, ou seja, irracionalidades que promoviam a fuga dos seus interesses ou do senso de autopreservação.

Em relação ao papel das lideranças é preciso não idealizá-las. As lideranças não têm poderes extraordinários e diferenciados. Nos movimentos totalitários, as lideranças se apresentam como sínteses das aspirações das massas. São funcionais, mas nem sempre úteis: funcionais porque incorporam a irracionalidade das massas; nem sempre úteis porque a defesa das lideranças pode não promover o melhor destino para as massas, porque “uma vez no poder, os líderes da massa cuidam de algo que estão acima de quaisquer considerações utilitárias a fazer com que as suas predições se tornem verdadeiras” (ARENDDT, 1989, p. 396). Dessa forma, as lideranças dos governantes totalitários nazista e stalinista têm traços mais parecidos com os desejos latentes da ralé. Na Alemanha, Hitler com seu “fanatismo histórico”, na União Soviética com a “crueldade sensual e vingativa” de Stálin (ARENDDT, 1989, p. 376). Enquanto aspiram lideranças fortes e que se fazem presentes por meio do melhor e do pior de si, os homens da massa que as legitimam, assemelham-se a um Himmler, com sua “meticulosa e calculada correção”, na Alemanha; ou a um

Molotov, com sua “teimosa obtusidade”, na União Soviética. Os líderes provenientes da ralé têm como característica o fato de terem fracassado na vida profissional e social, assim como terem uma vida privada desastrosa e pervertida, antes da sua entrada na política. Eles eram a projeção, de certa forma, do destino da maioria dos integrantes das massas daquele tempo (ARENDDT, 1989, p. 377), o que lhes conferia uma credencial de credibilidade por identificação pelo desastre.

No totalitarismo, os habilitados a novas lideranças das massas são perseguidos. Isso ocorre porque não é permitido a espontaneidade, a livre iniciativa e nem atividades não previsíveis, fato que invariavelmente pode ocorrer com novas lideranças no comando. É muito mais do que ressentimento pelo que não se pode compreender no novo; trata-se de uma tentativa de garantia de lealmente incondicional e irrestrita com a finalidade de garantir a existência perpétua das massas. Para isso, os integrantes das massas consideram que a principal característica de um líder no totalitarismo é a esperteza. Um líder, como no caso do nazismo e do stalinismo, é, ao mesmo tempo, chefe de Estado e líder do movimento, o que significa que ele deve ser um inescrupuloso militante, assim como manter “uma aparência de normalidade capaz de inspirar confiança” (ARENDDT, 1989, p. 463). O caso de Hitler demonstra que mais do que suas qualidades individuais, o que o legitimava era o fascínio que ele exercia sobre os que o rodeavam, não por suas características pessoais e únicas, mas por causa da sua esperteza e como ele a utilizava para se tornar algo esperado. Aceitava-se Hitler pelo que pretendia ser, assim como pelo que fingia ser. Sua inabalável convicção imputava respeito aos que o rodeavam, mesmo que nada fosse verdade.

Segundo ARENDT (1989, p. 375), “um líder totalitário é nada mais e nada menos que o funcionário das massas que dirige; não é um indivíduo sedento de poder impondo aos seus governados uma vontade tirânica e arbitraria”. Na condição de simples funcionário, o líder é substituível a qualquer tempo. Essa possibilidade de substituição é reforçada pelos próprios líderes totalitários, que defendem enfaticamente e de forma inegociável aquilo que conduz a massa para as certezas que tanto necessitam, assim como para realização dos imaginários que permitem sublimações coletivas, mesmo que pouco ou nada racionais. A posição das lideranças totalitárias é de servidão incondicional às massas, o que fortalece não suas identificações gerais com os integrantes das massas, mas uma identidade coletiva unificada que os torna semelhantes, mesmo que isso seja uma ilusão. Por isso, sem as massas, os líderes totalitários são nulos, amorfos. Um é o outro e o outro é um, sabendo, no entanto, que, como unidade, o líder é substituível por outro que encarne os desejos das massas e defenda incondicionalmente as razões, mas, sobretudo, as irracionalidades que permitem o sentimento de êxtase e o delírio identificatório. Dessa forma, o líder, assim como os sujeitos das massas, estão unidos nas diferenças individuais entre si, mas que se tornam iguais na massa. São sujeitos isolados que se identificam exatamente por isso. Aspiram ao poder que somente unidos conseguem obter em sua maximização. Unem-se na massa, mesmo estranhos uns aos outros na qualidade individual. Por isso mesmo são homens de massa, segundo Arendt.

O homem massa

Segundo ARENDT (1989, p. 361), os movimentos totalitários ganham força onde existe um número praticamente inesgotável de pessoas para alimentar a máquina de poder, como no caso dos despotismos orientais na Índia e na China. Na Europa, na ocasião do fim da Primeira Guerra Mundial, o crescimento populacional e o desemprego em massa estimulou o sentimento de superfluidade, levando ao fortalecimento das indiferenças em relação à vida não só dos outros como de si mesmos. A ideia de movimento permanente e de transitoriedade sem garantias de sobrevivência tornaram-se hegemônicas no nível da massa, mesmo que tenham sobrevivido, em certa medida, no nível individual. Como os sujeitos são constituídos dos diversos “eus” que os

habitam, relações de forças internas e externas são sempre perigosas por causa da permanente possibilidade das regressões às violências, tão aspiradas pelas massas.

ARENDT (1989, p. 364) afirma que, inicialmente, o homem de massa adotava “padrão da classe específica à qual pertenciam”. Na Alemanha e na Áustria havia antes e depois da chegada do totalitarismo uma massa de homens desesperados e insatisfeitos com tudo e todos, principalmente pela derrota sofrida na Primeira Guerra Mundial, pelos altos índices de desemprego e pela inflação altíssima. Todas essas circunstâncias criaram terreno fértil para radicalismos e extremismos. Sob essa realidade é que surge o homem de massa na Alemanha e na Áustria, inicialmente, e, posteriormente, em grande parte da Europa. Trata-se, por isso, de um ser forjado na catástrofe econômica, no ressentimento e no colapso da sociedade de classes. Isso significa que o homem de massa vive intensamente a demagogia, a credulidade, as superstições, a brutalidades, os fanatismos como formas de compensações por tudo aquilo que desejou e não conseguiu na condição de indivíduo único, particular e substantivo. Prefere sempre as certezas do seu imaginário do que a busca pela verdade da realidade. Os fatos são quase sempre formas de confirmar suas aspirações, superstições, preconceitos e fantasias, ao invés de serem o ponto de partida na elaboração de pensamentos reflexivos sobre o real. Suas expectativas são extremadas, a tal ponto de se entregarem “a perda radical de interesse do indivíduo em si mesmo, a indiferença cínica ou enfasiada diante da morte” (ARENDT, 1989, p. 366), abrindo mão de qualquer sentido de autopreservação ou de sobrevivência. Não por acaso, ele despreza as óbvias regras do bom senso e inclina-se de forma apaixonada por noções abstratas para conduzir sua vida.

Ao contrário do que se imagina, “a principal característica do homem de massa não é a sua brutalidade nem a rudeza, mas seu isolamento e a sua falta de relações sociais normais” (ARENDT, 1989, p. 367), por isso “os movimentos totalitários são organizações maciças de indivíduos atomizados e isolados” (ARENDT, 1989, p. 373). Pode-se afirmar que os homens de massa se identificam pela solidão, pelo distanciamento entre si e pela incapacidade de refletir, pois esse isolamento inclusive é dele em relação à sua própria consciência. Por isso, ARENDT (2018) atribui a incapacidade de pensar do homem de massa à perda do segundo eu da consciência, ou seja, do ente do diálogo próprio do ato de pensar. Em outras palavras, o homem de massa é solitário ao extremo porque perde, inclusive, o ente mental que mediava por meio do simples questionar as certezas que se elabora na última presença possível antes da solidão total.

O homem de massa deseja o anonimato, ser apenas um número, funcionar como uma peça do sistema. Quer se isentar da culpa, apesar de sempre ter responsabilidade pelas suas escolhas. É protagonista ativo, ao tomar decisões ou se omitir; mas, também, passivo, ao abrir mão de pensar e ao procurar manter-se no distanciamento seguro para si em relação a tudo e a todos. Majoritariamente, procura se abster de “identificações com tipos específicos ou funções predeterminadas na sociedade” (ARENDT, 1989, p. 379), agindo de forma superficial e alinhada às orientações da propaganda e das lideranças.

O homem de massa, que perpetrou os maiores crimes nos movimentos totalitários a partir da organização de Himmler, tinha os traços dos filisteus. Estes se caracterizavam, segundo ARENDT (1989, p. 388), como o burguês isolado e atomizado pelo colapso da sua classe. Em meio às ruínas do seu mundo, preocupavam-se parcialmente com a própria segurança, sem se importar em sacrificar sua crença, dignidade ou honra, a qualquer momento, para salvaguardar seus ideais, fantasias e ilusões. Ao contrário de estabelecer uniões e relações efetivamente humanas entre si, adotavam essa postura a partir da condição de isolados uns dos outros, como uma forma de colaboração pragmática, mas sem consciência do que faziam e suas consequências. Conforme afirma ARENDT (1989), não há lugar para os homens de massa em uma realidade normal. O homem de massas é a unidade da despersonalização, que, ao abrir mão de si mesmo, abre mão de todos e tudo que possa garantir o valor da vida em última instância. Sua condição é de unir-se a

uma totalidade não personificada para garantir existência em uma instância diferente da que se constitui o sujeito individual, tentando garantir a integração na massa, por meio de uma onipotência que individualmente não conseguiria ter. O homem de massa é somente na massa, porque não *foi* e perdeu a esperança de *ser* na condição de sujeito histórico singular.

Considerações finais

Ao analisar o fenômeno de massas no totalitarismo, Arendt não apresenta, tampouco propõe deliberadamente, uma teoria das massas como ocorre, por exemplo, nas obras de CANETTI (2019) e ORTEGA Y GASSET (2016), ou de uma psicologia das massas, como sucede com os trabalhos de LE BON (1954), REICH (2001) ou FREUD (2011). O entendimento de massas na obra *As origens do totalitarismo* se apresenta como um constructo teórico, constituído a partir da análise dos sistemas político-ideológicos e econômicos da Alemanha nazista e do stalinismo soviético, assim como das histórias a eles subjacentes. Nesse sentido, Arendt examina a formação e caracterização das massas no contexto que antecede e durante os totalitarismos analisados. A partir dessas realidades, a pensadora expõe suas ideias sobre o fenômeno, sendo possível, por meio da análise e reflexões da obra *As origens do totalitarismo* entender que os movimentos totalitários são movimentos de massa, com características específicas a partir de determinadas particularidades que essas apresentam. Assim, as massas estão fundamentados nos movimentos permanentes de incorporação, integração e crescimento ilimitado de sujeitos isolados e atomizados, permitindo uma natureza manipulável desses sob determinados aspectos, algo que forma o que Arendt define como homem massa.

Para ARENDT (1989, p. 508), “a tentativa totalitária de tornar supérfluos os homens reflete a sensação de superfluidade das massas modernas numa terra superpovoada.” No imperativo quantitativo, o que ocorre, em função das particularidades históricas vivenciadas na Alemanha e nos territórios do leste europeu, é a ascensão do homem massa: um ente do movimento permanente, supérfluo, atomizado e isolado de si mesmo no contexto da massa. Reside nessa descoberta o caráter inovador e inédito que faz do constructo teórico de Arendt em relação ao problema algo original em relação a outros estudiosos. Segundo a sua visão, a partir disso, como vimos, o homem massa une-se por preconceitos, superstições, fantasias e ilusões, abrindo mão do próprio instinto de autopreservação, manifestando uma perda radical do interesse do sujeito em si mesmo.

A preservação é uma das características da própria massa, pois essa é a fonte garantidora da onipotência almejada e que é impossível de existir individualmente. Os sujeitos da massa se colocam em condições de dispensabilidade, auto-abandono e isolados na multidão porque, em parte, faltam-lhes relações sociais normais em decorrência das catástrofes econômicas, sociais e políticas vivenciadas no contexto que antecede e se estende durante o período dos movimentos totalitários. O homem massa tem desprezo pelo bom senso, vivencia uma indiferença cínica ou enfasiada da morte.

Dessa forma, o constructo teórico das massas e o termo homem massa são fundamentais para compreender conceitos amplamente estudados e discutidos na obra de Arendt. Em relação ao entendimento de banalidade do mal (ARENDR, 1999), a despeito de todas as limitações e críticas, favoráveis ou não, que possam ser feitas (BIRMINGHAM, 2003; FRANÇA, 2021; HAYDEN, 2007; HERZOG, 2002; KERWIN, 2012; LOVE & MENG, 2016; MILLER, 1998), foi forjado a partir da concepção de homem de massa. ARENDT (1999), ao analisar Eichmann no julgamento em Jerusalém, chega à conclusão de que ele, no fundo, não passava de alguém que se caracterizava como um homem de massa, ou seja, alguém que, antes de tudo, pertencia a massa e tinha se entregado a ela.

Sobre a concepção de política em ARENDT (2018b) ressalta-se que esta passa por transformações ao longo da sua trajetória (AGUIAR, 2010; DUARTE, 2000; TORRES, 2007). Mas, independentemente das particularidades históricas, a noção de política durante toda sua obra implica a ideia de sujeitos protagonistas que, no mínimo, não se omitem ou não se abstêm de pensar sobre sua realidade. E isso é, em essência, o oposto do homem massa que, incapaz de pensar, renuncia à própria liberdade, elemento central da política na obra Arendtiana.

Em relação aos conceitos de poder e violência, ARENDT (1994) também se apoia no constructo teórico de massas, pois, para ela, a violência se instala onde o poder se ausenta. Isso implica afirmar que o exercício do poder só se efetiva quando sujeitos conscientes, ou seja, capazes de pensar, exercem seu poder de cidadãos ao invés de se absterem por negligência ou omissão da capacidade de agir. Isso pode ser evidenciado, por exemplo, na análise que HABERMAS (2001) faz do conceito de poder em Hannah Arendt, assim como de outros comentadores de sua obra, como DUARTE (2000 e 2016), FRY (2010) e AGUIAR (2011).

Referências

- AGUIAR, O. A. Técnica, Política e banalização do Mal. *Pensando - Revista de Filosofia*, **1**(2): 32–45, 2010.
- AGUIAR, O. A. A dimensão constituinte do poder em Hannah ARENDT. *Trans/Form/Ação*, **34**(1): 115–130, 2011.
- ARENDT, H. *Origens do totalitarismo*. Companhia das Letras, 1989.
- ARENDT, H. *Sobre a violência*. Relume Dumará, 1994.
- ARENDT, H. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Companhia das Letras, 1999.
- ARENDT, H. *Crises da República*. 3ª ed. Perspectiva, 2017.
- ARENDT, H. *A vida do espírito*. 7ª ed. Civilização Brasileira, 2018a.
- ARENDT, H. *O que é política?*. 12ª ed. Bertrand Brasil, 2018b.
- ARENDT, H. *A condição humana*. 13ª ed. Forense Universitária, 2020.
- BIRMINGHAM, P. Holes of Oblivion: The Banality of Radical Evil. *Hypatia*, **18**(1): 80–103, 2003.
- CANETTI, E. *Massa e poder*. Companhia das Letras, 2019.
- DUARTE, A. *O pensamento à sombra da ruptura: política e filosofia em Hannah ARENDT*. Paz e Terra, 2000.
- DUARTE, A. Poder, violência e revolução no pensamento político de Hannah ARENDT. *Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade*, **21**(3): 13-27, 2016.
- FRANÇA, F. A banalidade do mal à luz da sociologia - Considerações sobre a razão militar. *Estudos de Sociologia*, **25**(49): 413–434, 2021.
- FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*. Imago Ed, 2011.
- FRY, K. A. *Compreender Hannah ARENDT*. Vozes, 2010.
- HABERMAS, J. *Habermas - Sociologia* (B. Freitag & S. P. Rouanet (eds.)). 3ª ed. Editora Ática, 2001.
- HAYDEN, P. Superfluous Humanity: An ARENDTian Perspective on the Political Evil of Global Poverty. *Millennium: Journal of International Studies*, **35**(2): 279–300, 2007.
- HERZOG, A. Reporting and Storytelling: Eichmann in Jerusalem as Political Testimony. *Thesis Eleven*, **69**(1), 83–98, 2002.
- KERWIN, A. Beyond the banality of evil: conscience, imagination and responsibility. *Journal of Management Development*, **31**(5): 502–514, 2012.
- LE BON, G. *Psicologia das Multidões* (5th ed.). F. Briguiet & CIA, 1954.
- LOVE, J., & MENG, M. A Troubling Banality. *Constellations*, **23**(4): 585–595, 2016.
- MILLER, S. A note on the banality of evil. *The Wilson Quarterly*, **22**(4): 60-64, 1998.
- ORTEGA Y GASSET, J. *A rebelião das massas*. Vide Editorial, 2016.
- REICH, W. *Psicologia de massas do fascismo*. Martins Fontes, 2001.
- TORRES, A. P. R. O sentido da política em Hannah ARENDT. *Trans/Form/Ação*, **30**(2): 235–246, 2007.

Contribuição dos(as) autores(as) / Author's Contributions: Francis Kanashiro Meneghetti e Jelson Roberto de Oliveira participaram da pesquisa, da discussão e da redação do artigo. Ambos(as) aceitaram e aprovaram a versão final do texto

Autor(a) para correspondência / Corresponding author: Francis Kanashiro Meneghetti. francis@utfpr.edu.br